

Atendimento médico é o caos

Há hospital que não tem nem mesmo novalgina em estoque

MARIA LUCIA
SIGMARINGA
Da Editoria de Cidade

A situação do atendimento médico da Fundação Hospitalar é insustentável: faltam medicamentos, o número de profissionais não é suficiente, os aparelhos para exames rotineiros vivem quebrados e o "monstro" da infecção hospitalar está constantemente agravado pelas infiltrações e vazamentos constantes em alguns hospitais. Denúncias como estas, feitas diariamente por médicos e pelo próprio sindicato que representa a categoria, foram reforçadas ontem com uma visita da reportagem do **CORREIO BRAZILIENSE** a alguns hospitais e pelo depoimento de um médico do HBB, que conhece bem o hospital, mas preferiu não se identificar.

— Desde a greve no ano passado, nós estamos constantemente reclamando das péssimas condições de trabalho que a FHDF oferece, mas até agora nada de concreto foi feito para solucionar o problema. A reforma do HBB, que começou mas parou logo no início, está nos causando sérios problemas. Há dois andares do pronto-socorro demolidos e sem previsão de voltar a funcionar. Com isso, três unidades foram transferidas para o prédio antigo, que também está em obras, tumultuando o local — disse.

INFECÇÃO

No centro cirúrgico, como contou o médico, recentemente foram feitas denúncias de profissionais que trabalham no local quanto à existência de vazamentos de esgoto na área. A circulação de pessoas no pronto-socorro sem roupas adequadas é constante. A reportagem do **CORREIO BRAZILIENSE** pôde presenciar até mesmo pacientes deitados nas camas dos boxes do pronto-socorro com suas próprias roupas. Na UTI a situação é ainda pior, de acordo com o médico. Em um local onde são alojados pacientes graves, há infiltrações, pintura malfeita, pisos estragados e buracos nas paredes. "Isto tudo é foco de infecção hospitalar", lembrou.

Diariamente faltam medicamentos, até mesmo os básicos, no pronto-socorro e em outras áreas. Não é raro, por exemplo, um médico precisar receitar novalgina e não encontrar no hospital. Bandejas para pe-

quenas cirurgias ou suturas, e roupas de cama são outras necessidades nem sempre satisfeitas.

Quem precisa de radiografias tem que apelar para a sorte. Os filmes são insuficientes e os aparelhos estão constantemente quebrados, sem que seja feita uma manutenção rotineira. O laboratório do pronto-socorro necessita de uma reestruturação e reequipagem urgente. Além de certos exames não serem feitos ali e, por isso são mandados para o Instituto de Saúde, constantemente não tem reagente ou material até para exames simples, como os que constataam o vírus da hepatite.

Há vários aparelhos, adquiridos pelo hospital em junho do ano passado, que estão encaixotados em um corredor até hoje esperando o local para instalação, o que deverá acontecer durante a reforma. Um deles — um tomógrafo computadorizado — é de extrema importância para a neurologia. Diariamente, segundo o médico, morrem pacientes naquele setor porque não pôde ser feito este exame que diagnosticaria na hora, por exemplo, um pequeno hematoma antes de seu agravamento.

Há pouco tempo, três aparelhos de hemodiálise estavam quebrados, com vários pacientes renais sem condições de ser atendidos. Estas pessoas podem morrer a qualquer momento por um simples aumento da taxa de potássio no sangue, o que não aconteceria se o aparelho estivesse funcionando. Na neurologia, alguns pacientes que deveriam estar em tratamento intensivo estão no pronto-socorro, onde foi improvisada pelos próprios médicos, uma espécie de UTI.

FALTA DE PESSOAL

— Isto acontece por causa da falta de profissionais, tanto de auxiliares de enfermagem e atendentes quanto de enfermeiras e médicos que constantemente vêm se demitindo da Fundação porque não aceitam mais ir para a guerrilha, porque é isso que é trabalhar na Fundação hoje, com tão baixos salários. Muitas vezes o doente morre, não por omissão de socorro, mas porque há um só médico de plantão ou uma enfermeira para cuidar de todos os pacientes do pronto-socorro — comentou.

Passar alguns atendimentos para o Hospital Regional da Asa Norte tam-

bém foi um erro, na opinião do médico. Isto porque, o atendimento aos politraumatizados continuou no HBB e pacientes deste tipo precisam ser examinados por especialistas de outras áreas, o que causa o vaivém pelos hospitais de pacientes, muitas vezes gravíssimos. A cirurgia plástica, por exemplo, foi transferida para o HRAN e, na maioria dos casos, os politraumatizados precisam deste serviço.

O médico garante que a maioria destes problemas acontecem porque não há um funcionamento adequado dos hospitais da periferia. Com a completa inoperância das regionais, o HBB foi sobrecarregado, principalmente na área cirúrgica. A greve dos médicos-residentes, por exemplo, tem sua causa, entre outras coisas, na falta de cirurgias eletivas (quando o paciente faz o pré-operatório) nos hospitais das satélites. "O HBB que deveria ser um hospital terciário — atendendo apenas os casos gravíssimos — passou a ser um pronto-socorro".

Uma rápida passagem em hospitais como HRAN ou o próprio HBB dá uma idéia da real situação. No HBB, o **CORREIO BRAZILIENSE** conseguiu documentar dois cartazes anexados às portas: "Faltam formulários para atestado médico. Por isso, não fornecemos atestado" e "Vacinas não chegaram". No HRAN, em visita à cirurgia plástica do pronto-socorro, vários pacientes estavam aglomerados em um pequeno box, em camas baixas, aguardando vagas para subir para a cirurgia.

Juracy Simão Coelho, que perdeu uma vista no acidente com o ônibus da Anapolina na última segunda-feira, era uma dessas pessoas que reclamou não ter sido examinado pelo médico desde que deu entrada no hospital, o que aconteceu, segundo ele, na terça-feira. A informação do hospital é que ele estava no HRAN desde quinta-feira. Juracy contou que desde que foi operado não trocaram seu curativo uma só vez. No corredor do hospital, um paciente recém-transferido do HBB, aguardava em uma maca durante os 20 minutos que a reportagem permaneceu lá.

Problemas deste tipo só serão solucionados com uma real integração dos hospitais da Fundação com o Inamps e o Ministério da Saúde.